

Tragédia indígena em fotos

► O fotógrafo Pedro Martinelli lança coletânea sobre índios pelo projeto "Sempre um Papo"



DIVULGAÇÃO/PEDRO MARTINELLI

25 ANOS depois do primeiro contato com o homem branco, a nação panará está reduzida a 170 indivíduos

DANIELA MATA MACHADO

Há pouco mais de 25 anos, um avião A-19 da FAB sobrevoava a mata onde viviam os índios panarás para abrir a rodovia Cuiabá-Santarém. O fotógrafo Pedro Martinelli estava no local, cobrindo para o jornal "O Globo" o contato entre a "frente de ação" chefiada pelo sertanista Cláudio Villas Boas e os índios. Em 94, Martinelli voltou ao lugar para ver o que tinha restado da aldeia e registrou o impacto das duas décadas de destruição no livro "Pananá - A volta dos índios gigantes" - com texto dos jornalistas Ricardo Arnt, Lúcio Flávio Pinto e Raimundo José Pinto - que será lançado esta noite, no Ibeu, dentro do projeto "Sempre Um Papo", uma realização conjunta do ESTADO DE MINAS, Lojas Retes e AB Comunicação e Cultura, com apoio da Unicentro Newton Paiva, ZB Comunicação e Rádio Guarani.

A cobertura do "contato" pelo "O Globo", que deveria ser um trabalho de dois meses, acabou durando mais de dois anos. E a história dos kranhacãrore (índios gigantes) - como eram chamados pelos inimigos, por medirem até dois metros de altura - marcou de tal maneira a vida de Martinelli que, há quatro anos, ele abandonou o emprego que tinha como diretor de fotografia do Estúdio Abril, comprou um barco e voltou à aldeia para terminar o trabalho que, durante todo esse tempo, nunca havia saído de suas preocupações.

"Eu esperava encontrar um índio de camiseta, sandália de dedo e rádio de pilha no ouvido. Mas não podia imaginar o estado da terra e das casas", emociona-se. Martinelli ficou impressionado com a rapidez da destruição. "Em 20 anos, o garimpo transformou a mata virgem em um deserto", lamenta. Os panarás foram reduzidos a 170 índios, a

maioria crianças. Indignado com o poder da devastação - "a gente só fala que destrói, mas não sabe quantificar isso" -, Martinelli diz que as pessoas estão destruindo o mundo gratuitamente "para fazer dinheiro rápido". E lembra que a Cuiabá-Santarém encontra-se praticamente abandonada.

Ele acusa as autoridades de abrirem estradas apenas para colocar cerca dos dois lados e encher os terrenos de bois. "Se pegarmos três estados brasileiros quaisquer, já temos bois pro mundo inteiro", dispara, "e as pessoas continuam destruindo matas para colocar bois no seu lugar". Se as coisas não mudarem, o fotógrafo tem certeza de que a Amazônia vai acabar. "Mas ainda dá tempo de salvar o que resta", acredita, "para isso, tem que ter menos calhordas, menos políticos e mais gente séria trabalhando com humildade".

● **SEMPRE UM PAPO** - Lançamento do livro "Pananá - A volta dos índios gigantes", de Pedro Martinelli, palestra do fotógrafo e abertura da exposição multimídia "Kranhacãrore - Panará". Hoje, às 19h30min, no Ibeu (rua da Bahia, 1.723, Centro). A exposição fica em cartaz até 4 de junho.